



PIRACEMA

Boletim da Assessoria Técnica Independente das Regiões 4 e 5 | Outubro de 2025 | nº 17

- Conheça a Vila dos Albanos, comunidade de São Gonçalo do Abaeté
- Sintonia das Artes quer fomentar a cena cultural de Morada Nova de Minas



► **Sávio Alves de Paula**
Morador de Fazendinhas Baú
Pompéu



Foto: Daniela Paoliello/Guaicuy

RENDA, ALIMENTO E AMIZADE: A FARINHA DAS GUERREIRAS DO QUILOMBO SACO BARREIRO

2 | PCTS

As Guerreiras do Quilombo Saco Barreiro, em Pom-péu, acordam cedo para dar um início a um trabalho que é pesado e intenso: descascar, lavar, ralar, prensar, peneirar e torrar. São horas de trabalho e muito esforço para transformar a mandioca em farinha, alimento tão importante na nossa cultura alimentar.

Leandra Cristina dos Santos, que deu início ao grupo, conta que isso proporciona liberdade e mais autonomia financeira: “Nós, mulheres, tínhamos que depender do marido para tudo. Com a fábrica, nós tiramos renda para comprar uma roupa, um remédio, um material escolar... É uma história que marca pra gente que não tinha nada, não tínhamos dinheiro, não tínhamos como usufruir”.

Eide de Almeida Silva destaca que a atividade tem ajudado muita gente: “Para mim, é muito bom. Uma coisa que ajuda muito todos nós aqui. Nós vendemos, tiramos pro gás, pros filhos. É cansativo, mas não tem nada sem trabalho, né?”.

E o dinheiro das vendas é apenas um dos ganhos: “É um viver muito bonito. Para mim, o significado é vida. A gente tem renda, tem alimento e tem amizade.

A gente brinca, a gente ri, a gente sofre raiva juntas”, destaca Leandra. Para Marcilene de Almeida, é muito bom fazer parte do grupo. “Nós estamos todas reunidas, alegres e vamos continuar para a frente, se Deus quiser”, almeja.

E se depender de Maura Nabibia e Mariely Nami-mia, filhas de Leandra, a atividade vai mesmo seguir firme. Elas se sentem muito orgulhosas de fazer parte do coletivo. Quando não estão estudando ou em outras atividades, elas ajudam na produção da farinha de mandioca. Maura conta que ela se sente muito feliz por ter um conhecimento que outros gostariam de ter: “É bem legal poder mostrar para as pessoas que não conhecem e falar para elas um pouco da nossa vivência aqui na fábrica”.

Veja mais fotos do processo de produção da farinha no Flickr do Guaicuy



JORNALISTA RESPONSÁVEL: Mathias Botelho MTB 10126/PR | **TEXTOS JORNALÍSTICOS:** Laura de Las Casas, Laura Garcia, Mathias Botelho e Natália Ferraz | **DIAGRAMAÇÃO:** Matheus Ferreira | **REVISÃO:** Joana Tavares, Mathias Botelho e Natália Ferraz | **COORDENAÇÃO DA COMUNICAÇÃO DA ATI PARAÓPEBA:** Joana Tavares | **FOTOGRAFIA DA CAPA:** Paulo Marques

Instituto Guaicuy: Rua Brasópolis, 109 - Floresta, Belo Horizonte | CEP: 30150-170 | (31) 3024-9460

Contato para pessoas atingidas: (31) 97102-5001 | contato@guaicuy.org.br

LEIA TAMBÉM PELA INTERNET: www.guaicuy.org.br | [f/institutoguaicuy](https://www.facebook.com/institutoguaicuy) | [@institutoguaicuy](https://www.instagram.com/institutoguaicuy)

PAINEL DA REPARAÇÃO

CONFIRA AS PRINCIPAIS ATUALIZAÇÕES DO TRIMESTRE DE JUNHO A AGOSTO

Indenizações

AGOSTO: Vale conseguiu que seu recurso contra a resolução coletiva das indenizações das pessoas atingidas fosse encaminhado ao Superior Tribunal de Justiça. O recurso da mineradora foi aceito pelo desembargador Marcos Lincoln dos Santos. Agora, o STJ julgará o caso em Brasília.

JULHO: Tribunal de Justiça de Minas Gerais não admitiu recurso da Vale ao STJ por não atender critérios legais (a decisão não trata de violação de Lei Federal ou da Constituição). Vale recorreu no dia 17.

JUNHO: Instituições de Justiça se manifestaram novamente pela suspensão das ações individuais por indenizações. A suspensão ou não das ações em curso não interfere no processo coletivo.

Programa de Transferência de Renda (PTR)

AGOSTO: Encerramento do prazo para recurso de cadastro indeferido em julho. No caso de indeferimento em agosto, o prazo é 30 de setembro.

JULHO: O Ministério Público de Minas Gerais (MPMG) defendeu que a Vale financie um novo auxílio emergencial para as pessoas atingidas até a reparação integral dos danos. O MPMG defende a aplicação da PNAB*, já que os danos causados pelo rompimento persistem.

**Política Nacional de Direitos das Populações Atingidas por Barragens*

Reparação ambiental

O Comitê de Compromitentes do Acordo Judicial anunciou a contratação da empresa que deverá conduzir as próximas etapas dos Estudos de Risco à Saúde: a ERM Brasil. A ERM deve começar as coletas da Fase 2 em Brumadinho entre outubro e

novembro. Não há previsão para as próximas fases nas Regiões 4 e 5.

O Grupo EPA ainda não finalizou a entrega dos relatórios da Fase 1. A previsão de conclusão agora é maio de 2026.

A dragagem de rejeitos do Rio Paraopeba continua nos primeiros 2 km do Rio. A previsão de conclusão foi prorrogada para setembro de 2025 (a dragagem do trecho devia ter sido concluída em 2024!).

Manifestações de pessoas atingidas

JULHO: Ato em Belo Horizonte pela continuidade do PTR e das Assessorias Técnicas Independentes no dia 14. Além da manifestação organizada pelo MAB, houve reunião com o juiz auxiliar Marcelo Fioravante e a relatora Maria Dolores Clodovil, sobre a proposta de um novo auxílio emergencial para substituir o PTR. Outra reunião, com o Núcleo

de Acompanhamento de Reparações por Desastres (Nucard), tratou da distribuição dos recursos e da definição das comunidades que poderão acessar o Anexo 1.1.

JUNHO: A Comissão Baixo Paraopeba lançou um abaixo-assinado por melhorias na rodovia MG-164.

Acesse e assine aqui



Projetos de fortalecimento dos serviços públicos (Anexo 1.3)

Os projetos de fortalecimento dos serviços públicos são aqueles que foram indicados pelas comunidades e pelas prefeituras por consulta popular em 2021. Esses projetos estão sendo realizados nos municípios atingidos. Alguns deles foram convertidos e serão executados pelas prefeituras, com os recursos da Vale (obrigação de pagar).

Região	Projetos em curso	No prazo	Atrasados (até agosto)
4	10	5	5
5 Leste	5	3	2 em São Gonçalo do Abaeté
5 Oeste	11	4	1 em Abaeté 1 em Morada Nova de Minas 5 em Biquinhas

Você pode acompanhar os projetos da sua cidade no site do Comitê Pró-Brumadinho



Primeiro lugar que
Sávio Alves de
Paula conheceu em
Fazendinhas Baú,
comunidade da zona
rural de Pompéu

ENTREVISTA

“NÓS NÃO DESISTIMOS. A GENTE SABE QUE UMA HORA TUDO VAI CHEGAR NO SEU LUGAR”

4 | ENTREVISTA

Sávio Alves de Paula escolheu para a entrevista o primeiro lugar que conheceu em Fazendinhas Baú, comunidade na zona rural de Pompéu. Foi naquele local, na beira do Paraopeba, que ele e vários amigos dos Alcoólicos Anônimos decidiram acampar e pescar em 2013. Sávio conta que um deles demorou 5 horas para montar a barraca, mas ainda assim, todos se divertiram e pescaram muito.

12 anos depois, o Paraopeba não é mais o mesmo, nem Sávio. O rio agoniza com o rompimento da barragem, e apenas sua vista pode ser aproveitada por quem lá passa. Sávio tem dedicado uma boa parte do seu tempo à luta pela reparação e à organização comunitária. Agora, ele faz parte da Comissão Baú e Piau e também da Associação dos Amigos de Fazendinhas de Baú.



Foto: Paulo Marques/Guaicuy

Qual o seu sentimento ao olhar pro rio?

É um pouco de saudade com tristeza, né? Porque aconteceu o rompimento lá da barragem em Brumadinho, no dia 25 de janeiro de 2019, e a gente não acreditava que o rejeito ia chegar aqui nessa área tão bonita e tão importante pra gente. E hoje a gente tá aqui só olhando, a gente não usa mais o rio para pescar, como área de lazer. Mas a gente espera que isso mude com a reparação. Que tenha uma reparação justa. Para que isso aqui volte a ser o que era antes. Para a alegria de todos, esse lazer de pesca que a gente tanto ama, que a gente tanto gosta.

Quando você comprou seu terreno aqui?

Desde o acampamento, gostamos muito daqui. Foi tão bom que nós começamos a vir em todos os feriados prolongados. A gente já se programava para vir para cá. Na época, aqui tinha muito peixe, a gente conseguia levar muito peixe para casa. No ano de 2014, com mais uma dessas nossas pescarias, a gente ficou sabendo que estavam vendendo loteamentos aqui. Nós juntamos a turma e compramos uma área de lazer para fazer um rancho. Continuamos vindo, e isso virou sequência. A gente não pensava em outra coisa pra fazer, a não ser vir para cá.

E como foi sua mudança pro Baú?

A minha vinda para cá em definitivo foi justamente por problema de saúde que eu estava passando, muito sério. Aqui, eu conheci pessoas que me ajudaram bastante, com muita oração. Eu vi que a minha recuperação aqui estava melhor do que lá [em Belo Horizonte]. Inclusive, em 2021, quando eu passei por outra cirurgia, eu tive que colocar uma sonda para me alimentar, e minha família não queria que eu viesse para cá. Eu falei: "Não, lá que é meu lugar". É porque aqui é o lugar que eu escolhi para morar, aqui é um lugar tranquilo.

E, realmente a recuperação da minha saúde aconteceu aqui. Tive muita gente me ajudando, é uma comunidade muito boa. São pessoas realmente amigas, que estavam se preocupando comigo na época. E aqui eu me encontro até hoje, apesar de todos os problemas que a gente tem enfrentado. Mas nós não desistimos. A gente sabe que uma hora tudo vai chegar no seu lugar.

Eu sou nascido e criado em Belo Horizonte. Sempre em Belo Horizonte. Mas sempre e com um sonho de um dia morar na zona rural, de um dia morar na beira de um rio, para fazer aquilo que eu mais gosto, que é o lazer de uma pescaria. E hoje, como eu moro e vivo aqui, quando eu chego lá em BH eu fico doido para voltar. Porque me faz bem esse lugar aqui, me faz bem tanto mentalmente como para saúde.

Agora você faz parte da associação comunitária. Como foi esse processo?

A gente enfrenta muitos problemas de água e de luz aqui no Baú, mas, graças a Deus, conseguimos tirar do papel esse projeto que estava na gaveta, que é fundar a associação. Ela serve para gente ir em busca de nossos direitos, ela nos dá mais ânimo. Através dessa associação, eu tenho certeza que a gente vai conseguir realizar os sonhos de todo mundo.

Com a chegada do ano passado de um companheiro que se aposentou e veio morar aqui, que é o presidente da associação, o Paulo Augusto, registramos a associação. Estamos procurando a Prefeitura, a Câmara dos Vereadores. O próprio Guaicuy nos ajuda bastante com seus advogados. A gente vai buscar ajuda para colocar isso aqui para andar. Porque o povo aqui ficou muito sofrido com as promessas. A gente está feliz com a associação,



Foto: Paulo Marques/Guaicuy

ela está fazendo um trabalho bastante transparente. São pessoas de boa índole, com muito caráter. Então nós vamos conseguir fazer dessa comunidade aqui uma comunidade feliz.

Eu faço parte da diretoria, faço um trabalho social dentro da comunidade. Se a gente souber que tem alguém doente, ou que esteja passando por uma dificuldade, a gente vai procurar ver o que ela precisa. Se precisa de alimento, se precisa de remédio. Se precisa que a gente vá marcar uma consulta. Então, nossa preocupação é essa. Mas, graças a Deus, a gente tá com pouca demanda de pessoas com problemas de saúde. O que tá tendo aqui, hoje tá dando pra gente resolver com rapidez.

E o que você tem achado do processo de reparação?

A reparação justa até hoje ainda não foi feita. Muita coisa tem que se fazer. Eu fico preocupado com a morosidade das coisas, para resolver o que tem que ser resolvido. E eu fico pensando também: "quantos já morreram nesses seis anos do rompimento? Quantos já morreram? Quantos vão precisar morrer sem ter a reparação justa daquilo que é necessário?". Então, essa morosidade aí é uma coisa que me preocupa bastante.

É um sentimento de abandono, de tristeza. Mas a gente não perdeu a fé, a gente não perdeu a esperança. Dentro desse contexto todo aí, a gente tem as Assessorias, que estão trabalhando com a gente, que estão apoiando a gente, que em nenhum momento deixaram a gente sem auxílio. E chegou a associação, também faço parte da Comissão. Com muita gente boa, com muita gente que tá lutando. Então, isso aí incentiva a gente a não parar, sabe? Eu tenho certeza que nós vamos conseguir.

TRADIÇÕES FAMILIARES NA VILA DOS ALBANOS

A Vila dos Albanos é uma pequena comunidade de pescadores à beira do Rio São Francisco, em São Gonçalo do Abaeté. Hoje, cerca de 65 famílias residem na Vila. Edmar Fonseca Melo, o Mazinho, conta que seus avós chegaram lá por volta dos anos 1940. Depois que o casal faleceu e a terra foi dividida entre os filhos, um tio de Mazinho loteou e vendeu sua parte, e a Vila cresceu, ficando com o apelido do avô, Albano.

Mazinho e seus parentes ainda moram perto da Vila e mantêm as tradições familiares de fazer farinha de mandioca e rapadura – “é bom quando junta uma turma grande de amigos para fazer a farinha”, diz ele. Junto à sua irmã Ivany e à prima Rosilda, Mazinho entrou na luta por reparação pelos danos causados pela Vale, integrando a Comissão Beira Rio.

Em 2024, representantes da Vila dos Albanos passaram a integrar a Comissão Beira Rio, já que as relações com o bairro vizinho são estreitas, prin-

cipalmente em torno da pesca. Essa é a principal atividade econômica da região, tornando-se parte da rotina e até da identidade da população.

Aliado à pesca no Rio São Francisco, outro potencial da Vila dos Albanos é o turismo. Mas, com o rompimento da barragem em 2019, os moradores notaram a queda na procura por aluguel dos ranchos, na circulação de turistas e na venda do pescado. Também perceberam a escassez de algumas espécies de peixes e passaram a sentir insegurança em relação à água que sempre usaram.

Segundo Mazinho, além da reparação pelos prejuízos relacionados à pesca e ao turismo, a principal reivindicação dos moradores da Vila dos Albanos é por melhorias na estrada que leva a Beira Rio (cerca de um quilômetro) e pavimentação das ruas da Vila. Para isso, foi criado um abaixo-assinado, que circulou entre a comunidade.

SINTONIA DAS ARTES: SONHO QUE VIRA MOVIMENTO

Quando Rian Gustavo pensou em buscar financiamento na Lei Paulo Gustavo (Lei Complementar nº 195/2022) para produzir um filme sobre a história de Morada Nova de Minas, ele ainda era um “coletivo de uma pessoa só”. Mas a aprovação do projeto foi a fagulha que faltava para acender um sonho em outros jovens da cidade, o que resultou na criação do Grupo Multiartístico Sintonia das Artes. O fundador do grupo conta que a cidade tem crescido muito, mas as atividades culturais não acompanharam o movimento. A população moradense sofre com a falta de cinema, de teatro, de circo, mas esse é um cenário que o Sintonia das Artes quer mudar. Proporcionar cultura, esporte e lazer ajuda a preencher a vida das pessoas, dá repertório, complementa a educação e ajuda muitas crianças e jovens em situação de vulnerabilidade, aponta o artista.

Ao longo da produção do filme, os participantes do grupo foram aprendendo a desempenhar diferentes funções e alguns até mesmo decidiram se profissionalizar. E para dar mais força aos elos dessa corrente, criaram um projeto de teatro nas comunidades.

A intenção da primeira edição foi oferecer uma oficina com até 15 crianças em um bairro periférico

de Morada. “No final, a gente estava com 35 crianças. Foram chegando, chegando e não tinha como falar não, porque era diferente, era novo. Elas gostavam. É muito bom, mostra que houve um interesse real das crianças por participar”, conta Rian.

Com o auxílio de comerciantes, o grupo ofereceu um lanche aos participantes, mas a falta de apoio financeiro tem sido uma grande limitação para o Sintonia das Artes. Atuando voluntariamente, os membros precisam lidar com o desafio de conciliar esse trabalho com outras atividades.

Agora, o Sintonia das Artes tem preparado novos projetos para buscar financiamento via editais, inclusive o Anexo 1.1 do Acordo Judicial de Reparação, que visa a recuperação socioeconômica das comunidades atingidas pelo rompimento da barragem da Vale em 2019. Com isso, as várias ideias do grupo ganham a chance de se tornarem realidade. “A arte liberta, abre a mente, abre os caminhos. A gente consegue ver o inimaginável. É também uma forma de falar. Por meio da arte, a gente pode contar um pouco da história do que aconteceu”, relata.



Foto: Arquivo pessoal

EM QUE PÉ ESTÁ O ANEXO 1.1?

Os projetos de demandas das comunidades e as linhas de crédito e microcrédito são uma parte do Acordo Judicial de Reparação pelos danos causados pela Vale que fazem crescer muita expectativa e esperança nas regiões atingidas. Ele destina R\$ 3 bilhões para necessidades específicas das comunidades afetadas pelo rompimento da barragem da mineradora em Brumadinho, com foco na geração de trabalho e renda, acesso a cultura, esporte e lazer e qualidade de vida.

A Entidade Gestora formada por Cáritas MG, Associação Nacional de Atingidos por Barragens (ANAB) e Instituto E-Dinheiro Brasil vai administrar 10% do valor por dois anos, no que é chamado de Projeto Inicial (ou Projeto Piloto) do Anexo 1.1. Em junho, o Anexo 1.1 foi finalmente lançado, dando início a uma caminhada que deve ser conduzida pelas pessoas atingidas, com respeito ao objetivo de uma governança participativa.

Nos últimos meses, as Instituições de Justiça (IJs) e a Entidade Gestora elaboraram a ata de entendimento, um documento que pretende ajustar alguns pontos em desacordo entre a Proposta Definitiva do Anexo 1.1,

aprovada pelo juiz, e os prazos definidos pelas IJs. Um dos pontos colocados pela ata foi o reajuste do valor de R\$ 326,7 milhões destinado ao anexo, considerando a data de julho de 2024, quando aconteceu o fim da construção da Proposta Definitiva de sua execução.

Outra definição importante foi sobre as comunidades que irão receber os projetos. Os critérios para essa determinação serão inicialmente baseados nos parâmetros do Programa de Transferência de Renda (PTR), que também faz parte do Acordo de Reparação. A própria Entidade Gestora já divulgou uma lista prévia, em que considera todas as comunidades que participaram do diagnóstico de danos, realizado com apoio das Assessorias Técnicas Independentes, mas ela ainda precisa ser validada pelas IJs. É importante destacar que a lista prévia não é definitiva e outras comunidades poderão ser incluídas.

Quer saber mais sobre o andamento do Anexo 1.1? Acesse o QR Code:



Foto: João Carvalho/Guaicuy

Formação da Entidade Gestora com conselheiros da Região 5